

RECONHECENDO A GEOGRAFIA DA LEPTOSPIROSE DO RIO GRANDE DO SUL ATRAVÉS DO MAPEAMENTO UNIDADES AMBIENTAIS

Christovam Barcellos

xris@cict.fiocruz.br

A leptospirose apresenta no estado do Rio Grande do Sul altos níveis endêmicos e uma grande concentração de casos em áreas rurais. A investigação de casos aponta prováveis ciclos de transmissão silvestres ou relacionados à agricultura intensiva. As condições ecológicas desses cenários de transmissão da doença são pouco conhecidas. O principal objetivo desse trabalho é identificar áreas de maior risco e possíveis componentes ecológicos da transmissão da leptospirose através da agregação de dados em unidades espaciais que representem a diversidade sócio-ambiental do estado. Os 1274 casos confirmados de leptospirose ocorridos em 2001 foram georreferenciados por município de residência. Os mapas de municípios foram sobrepostos aos de caracterização de uso do solo, relevo e vegetação. Através de operações de SIG, foram calculadas as taxas de incidência para cada categoria e seus intervalos de confiança. As maiores taxas de incidência foram verificadas em áreas sedimentares litorâneas, de baixa altitude, e ao longo do Rio Jacuí, em áreas de atividades agrícolas com resquícios de vegetação secundária. Nessas áreas, a maior parte dos casos está associada à lavoura irrigada. A região do Pampa e áreas de Mata Atlântica e sob influência marinha apresentam taxas de incidência significativamente abaixo da média estadual. Essa abordagem apresenta vantagens em relação à identificação clássica de áreas de risco, baseada nos limites municipais, como por exemplo a maior estabilidade estatística das taxas de incidência calculadas. Além disso, permite reconhecer a paisagem social e ambiental em que se dá a transmissão.